

KIT-GAY: “BEIJO PARA AS HOMOFÓBICAS”

FELIPE AURÉLIO EUZÉBIO¹; NEWAN ACACIO OLIVEIRA DE SOUZA²;
ANALISA ZORZI³; LOUISE PRADO ALFONSO⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas – felipe.aurelio197@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande – newansouza@outlook.com

³ Universidade Federal de Pelotas - ana.lpdufpel@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma parte do estudo que vem sendo realizado sobre os escritos de sujeitos que participaram da oficina *KIT GAY: Construindo Saberes para Discussão de Gênero e Sexualidade em Contextos Educacionais*, realizada em maio de 2019, na Universidade Federal de Pelotas.

Centrado no debate da “ideologia de gênero”, o material que iremos apresentar aqui não se trata do que foi comumente conhecido como kit-gay no Brasil. Pretendemos dar continuidade no construir de outra ideia, de um olhar propriamente *Queer*¹ para este que foi símbolo de discursos políticos ultraconservadores e da negação de uma educação pública mais plural e acolhedora para com a população LGBT+ do país.

Para tanto, fizemos a análise das expressões escritas de três sujeitos participantes da oficina com o propósito de compreender algumas ideias e sentimentos relacionados a possibilidade de constituição de um “Kit-Gay”- conjunto de objetos, saberes, sentimentos e mídias próprios a cultura LGBT+ e que possibilite o debate e acolhimento desta população no espaço escolar. Nesse sentido, a intenção foi apreender percepções no confronto com essa temática.

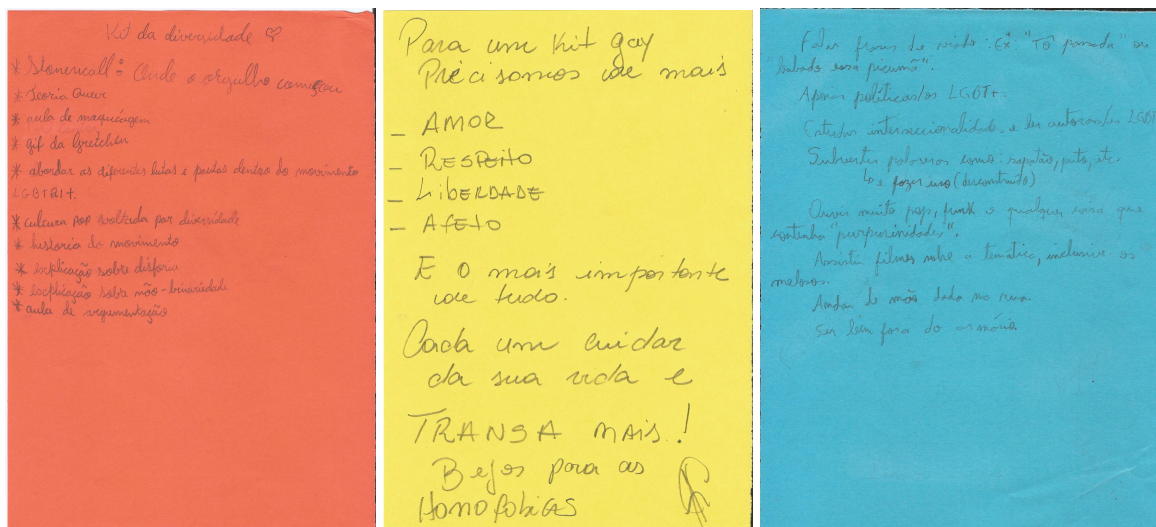
2. METODOLOGIA

Nos dias 14, 15 e 17 de Maio, na Universidade Federal de Pelotas, o evento *P.O.C.* realizou sua primeira edição. Vinculado ao *Projeto de Extensão Mapeando a Noite: O Universo Travesti*, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) e ao *Centro Acadêmico Florestan Fernandes* dos cursos de Ciências Sociais (UFPEL), o evento ocorreu junto a semana mundial da luta contra a homofobia. Neste, a oficina *KIT GAY: Construindo Saberes para Discussão de Gênero e Sexualidade em Contextos Educacionais* surge com a proposta de ressignificar o debate em torno do que seria a “ideologia de gênero” no Brasil a partir de um exercício similar ao dado às palavras: Seja viado, sapatão, bicha ou travesti, o que antes era visto como insulto hoje é sinônimo de orgulho.

Sendo assim, os e as participantes desta oficina foram desafiados a construir seus próprios “Kit-Gay” numa folha de papel colorido pensando em tudo aquilo que esse, LGBT+ ou não, gostaria que estivesse presente no ambiente escolar para que a educação no Brasil deixe de ser um dos primeiros espaços de

¹ Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade (LOURO, 2001: 546).

exclusão vivenciados por pessoas não heteronormativas (CASTRO, 2004 apud BORTOLINI, 2011)². Assim, a partir de uma análise do conteúdo, refletiremos as mais diversas possibilidades que estes materiais apresentam. Os caminhos até a escola, seus sujeitos e conflitos, que tomam novas formas em suas narrativas expressas no papel:



Arquivo Pessoal

Não seria possível, no entanto, apenas anexar as imagens soltas no texto. É preciso atenção às palavras e as narrativas que nelas se encontram. Luiza Helena Pereira, tratando-se de análise de conteúdo, dirá que há algo nas próprias palavras (PEREIRA, 1998: 95) que nos ajudam a buscar o sentido das mensagens. Ora, esses “Kit-Gay” não foram escritos em qualquer contexto, estão entrelaçados, pelo espaço da oficina e pela universidade, às histórias e falas de sujeitos que vivenciaram o espaço escolar e trazem na memória os discursos e posicionamentos de exclusão, de violência e de invisibilidade para com a população LGBTQI+.

Já na primeira imagem nos deparamos com um contraste interessante à análise. Ao colocar teoria queer, aulas de maquiagem e cultura pop “lada a lado” é possível perceber que os limites do conhecimento tido como formal/acadêmico não são suficientes em potencialidade pedagógica. Esse contraste se repetirá novamente diversas vezes, pois no tratar de questões de gênero e sexualidade, é no exercício de observar, ver e ouvir o que se constituiu enquanto movimento LGBTQI+, sua história, que encontramos outras abordagens.

Surge uma gama gigantesca de narrativas onde a diversidade permeia os mais diferentes espaços. Seja nas escolas, esquinas ou universidades, esses sujeitos *queer* estão presentes. Assim, ser cada vez mais fora do armário significa explorar outros recursos, outras metodologias. Utilizar da música (cultura pop),

² Em 2004, um estudo da UNESCO apontava para um alto índice de imagens homofóbicas e de intolerância quanto a homossexualidade entre estudantes e professores. A discriminação contra homossexuais - diferentemente de outras formas, como aquelas relacionadas a racismo e a sexismo misógino - não é somente mais abertamente assumida, mas também valorizada, entre jovens alunos (Castro, 2004). Neste estudo, 25% dos alunos entrevistados afirmaram que não gostariam de ter colegas homossexuais. O percentual fica maior ainda quando se trata apenas dos meninos (BORTOLINI, 2008: 32).

das palavras subvertidas, dos filmes, séries e vídeos disponíveis online para incorporar na educação esse amor, respeito, liberdade e afeto..

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada um dos papéis coloridos conta uma história única e que traz em si necessidades, desejos, mensagens, ideias e sentimentos que, talvez, uma leitura apenas analítica não desse conta de sua totalidade. *Teoria Queer; Britney Spears; Aulas de maquiagem; História do Movimento, Gif da Gretchen; Amor; Falar Frases de viado; Subverter palavras; Bandeira LGBT+; Performance Drag; Elis Regina;* Entre outras tantas coisas, aparecem e se repetem na leitura dos quase 20 “Kit-Gay” confeccionados na oficina, fazendo deste objeto de pesquisa algo único e rico em possibilidades.

É na narrativa, inspirado pelo texto de Sônia Maluf (1999), que começamos a esboçar um método de análise que fuja do engessamento quantitativo. Segundo a autora, uma abordagem antropológica da narrativa como forma de interpretação da experiência individual/coletiva e como veículo de sentido permite perceber cada percurso individual. Portanto, o que está sendo dito não traz sentido apenas no contexto político do debate sobre “ideologia de gênero”, mas também no que diz respeito às discussões sobre escola e educação.

É impossível negar que o espaço escolar tem grande influência sobre diversas formas de interação humana, como devemos nos comportar, pensar e nos relacionar com outros indivíduos parece ser moldado desde os anos iniciais. Assim, pensar sexualidades e a constituição das identidades no ambiente escolar faz-se necessário ao diálogo com a população LGBT+. Guacira Lopes Louro, em *Pedagogias da sexualidade* (2013), dirá que homens e mulheres adultos contam com determinados comportamentos ou modos de ser que parecem ter sido “gravados” em suas histórias pessoais. Segundo ela,

Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparecem de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas. (LOURO, 2013, p.25)

Levando em conta que são inúmeros os casos de repressão, violência, discriminação e censura justificados na “luta” contra a “ideologia de gênero”, nos indagando se o que pensávamos enquanto “discurso” de uma classe extremamente conservadora já estaria sendo aplicado enquanto uma pedagogia que se articulada na manutenção das constituições dos sujeitos masculinos e femininos “normais”, exigindo, portanto, o que propomos como novas abordagens à temática, o exercício do resignificar e se apropriar das construções dos discursos e mídias.

4. CONCLUSÕES

Gostaríamos de destacar, mais uma vez, que este ainda é um trabalho em desenvolvimento, portanto, as análises aqui apresentadas não estão de forma alguma fechadas em ideias fixas. O que gostaríamos de trazer com esta breve

apresentação são as potencialidades deste tipo de abordagem para além da urgência de discutir educação, gênero e sexualidade no país da “mamadeira de piroca”.

Falamos muito aqui sobre os caminhos que estas narrativas podem e devem percorrer pela e para educação. A questão, então, não se trata de como incluir esses debates no ambiente escolar - até porque esses já estão lá - mas de como construir uma nova prática educacional. Bortolini dirá que isto significaria ir a partir do diálogo e do encontro entre diferentes grupos e sujeitos, sem ignorar a tensão trazida pelo conflito e, mais que isso, perceber o próprio conflito, a própria diferença, em seu potencial pedagógico (BORTOLINI, 2011). Assim, vamos complexificando os debates, e o que começou como uma oficina abre margem para que outras histórias misturem-se ao fazer acadêmico e vozes, historicamente silenciadas, tenham a chance de serem ouvidas por aqueles que formam educadores e fazem a educação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTOLINI, A.S. . Diversidade sexual e de gênero na escola - Uma perspectiva Intercultural e Interrelacional. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico** (Online) , v. 11, p. 27-37, 2011.

CASTRO, Mary; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, L. B. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

LOURO, G. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n.2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.

PEREIRA, L. H. . A análise de conteúdo: um approach do social. **Cadernos de Sociologia** Ppgs Ufrgs , Porto Alegre, v. 9, p. 87-114, 1998.

MALUF, S. W. . Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos** , Porto Alegre, v. 5, n.12, p. 69-82, 1999.